

O trabalho na Tecnologia da Informação a partir da perspectiva de gênero: onde ficam as mulheres?

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo discutir as questões de gênero no trabalho em Tecnologia da Informação, a fim de compreender se há uma seara de conquistas ou a persistência da exclusão das mulheres nesse campo. O desenvolvimento do estudo ocorreu a partir de uma revisão e análise bibliográfica sobre a temática em bases de *sites* institucionais, periódicos, livros, dissertações e teses. As pesquisas foram realizadas na base de periódicos *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Segundo informações do Fórum Econômico Mundial, embora as mulheres representem 56% dos concluintes de cursos de graduação em nível mundial, elas correspondem a apenas 36% dos formados nas áreas de TI e Ciências Exatas, e a apenas 25% da força de trabalho — reflexo do afunilamento de oportunidades que também é atravessado por questões de gênero. Ainda hoje, as mulheres são as que investem maiores esforços no cuidado com a casa e a família, fazem mais concessões para conciliar as atividades domésticas e a carreira, e enfrentam insatisfação com o trabalho por se sentirem limitadas a papéis menos criativos e inovadores. É notório que existe um cenário de desigualdade de gênero no mundo do trabalho, o qual entra ainda mais em destaque quando o assunto é a presença feminina na área de Tecnologia da Informação. Essa é uma temática intrinsecamente ligada à inclusão e à diversidade nas lógicas produtivas e na economia mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia da Informação. Gênero. Trabalho. Mulher.

Julliana Soares Piorski

E-mail:
julliana_piorski@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0005-2819-1958>
Universidade Federal do
Maranhão, São Luís, MA, Brasil

**Yldry Souza Ramos Queiroz
Pessoa**

E-mail:
yldry.souzaramos@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0817-2793>
Universidade Federal do
Maranhão, São Luís, MA, Brasil

INTRODUÇÃO

As relações de trabalho têm sido objeto de estudo dos mais diversos campos teóricos, sejam estes da Saúde, das Ciências Humanas ou Sociais. O trabalho nos moldes atuais não deve mais ser idealizado apenas pela via da necessidade de sobrevivência humana; trata-se de um fenômeno muito complexo, pois abrange uma série de fatores sociais que o perpassam, tais como o status do trabalho, o poder, a vaidade, as relações profissionais, as mudanças constantes no mercado de trabalho, as exigências de qualificação, a fragilidade de cargos, as condições e a organização do trabalho, entre outros.

Marx (1985) afirma que, inicialmente, o trabalho é um processo no qual participam a humanidade e a natureza — processo este em que o homem, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças de seu corpo (braços e pernas, cabeça e mãos) com a finalidade de apoderar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. O trabalho humano é consciente, intencional e proposital e, no fim do processo do trabalho, aparece um resultado que já existia antes na imaginação do trabalhador.

Comunga-se com a ideia de Harnecker (1983, p. 28) acerca do significado do processo de trabalho, que é

[...] todo processo de transformação de um objeto determinado, seja este em estado natural ou já trabalhado, em um produto determinado, transformação efetuada por uma atividade humana determinada, utilizando instrumentos de trabalho. O momento de transformação se define como o mais importante no processo de trabalho, pois só haverá um produto final se houver uma interpolação da força humana.

O mundo do trabalho para as mulheres é marcado por contradições, desigualdades e desvalorização. Historicamente, na sociedade capitalista, elas se deparam com condições desiguais de acesso e permanência no mundo do trabalho, o que, conseqüentemente, leva à acentuação da precarização da força de trabalho feminina. Retrato de uma construção culturalmente associada a prescrições, estigmas e julgamentos, suas raízes requerem um desvendamento a partir das determinações que se colocam como ponto inicial para a compreensão de sua responsabilidade pelo cuidado (Fabbro; Heloani, 2010; Biroli, 2016; Antunes, 2020).

Ao contrário da realidade masculina, inicialmente às mulheres era possibilitado apenas o trabalho relacionado ao lar, à maternidade, ao cuidar do marido e a outras tarefas afins. Hoje, essas atividades costumam ainda pertencer a elas; contudo, para além da labuta no lar — considerado, muitas vezes, um trabalho invisível —, elas também estão inseridas no mercado de trabalho formal. Percebe-se, assim, uma sobrecarga de trabalho, pois a mulher agora precisa conciliar as atividades domésticas, o cuidado com a família e as atribuições do seu emprego, o que acaba, por vezes, envolvendo fins de semana e feriados (Barreto; Monteiro, 2020).

Mesmo com a entrada da mulher no mercado de trabalho formal, algumas distinções ainda são feitas quando se analisam questões relacionadas a gênero e

se compara a atuação delas com a dos homens. É nessas distinções que a sociedade hierarquiza as atividades e cria um sistema de gênero. Conforme analisa Hirata (2018, p. 18), “a posição das mulheres e dos homens na hierarquia social, em termos de repartição do trabalho doméstico, de hierarquia profissional ou de representação política, não é a mesma nas sociedades contemporâneas”; ou seja, a aceitação e a naturalização do lugar da mulher e do homem na sociedade vai legitimar as relações de poder e a hierarquização (Nogueira; Pestana; Rodrigues, 2021). Contudo, não se pode perder de vista que, no capitalismo, as relações sociais de gênero sofrem elaborações de forma a atender às necessidades desse modo de produção. De acordo com Saffioti (1992), as relações sociais de gênero não são resultado da simples existência de dois sexos, mas devem ser compreendidas no tecido das transformações historicamente por elas sofridas; ou seja, são essas relações que transformam os indivíduos em homens e mulheres e “constituem uma totalidade dialética” (Saffioti, 1992, p. 192).

Nesse sentido, conforme analisa Kergoat (2018, p. 18), o mundo do trabalho para as mulheres forma um sistema integrado entre capitalismo e patriarcado que se altera em “explorar dominando e dominar explorando”. É na família patriarcal que os papéis ditos masculinos e femininos são referenciados; contudo, não são resultados de uma determinação biológica, mas sim constructos sociais cujas bases são materiais, assim como o trabalho, a reprodução e os interesses do modo de produção capitalista (Kergoat, 2018; Nogueira; Passos, 2020). Segundo o relatório Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), apenas 30% dos pesquisadores do planeta são mulheres e somente 35% de todos os estudantes matriculados em áreas relacionadas às Ciências Exatas são do sexo feminino (UNESCO, 2018).

O objetivo deste ensaio é discutir as questões de gênero no trabalho em Tecnologia da Informação, pois é importante refletirmos sobre esses dados para entender se há uma seara de conquistas ou a persistência da exclusão para com as mulheres. Para o desenvolvimento deste estudo, fez-se uma revisão e análise bibliográfica sobre o tema em questão, levantando dados em pesquisas em bases de sites institucionais, periódicos, livros, dissertações e teses.

Para a confecção deste ensaio, foi realizada uma revisão de literatura. As pesquisas foram realizadas na base de periódicos *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil), que abarca periódicos científicos, e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que abarca dissertações de mestrado e teses de doutorado. A escolha por essas bases justificou-se pela riqueza e diversidade de publicações nacionais nelas presentes. A partir dessas bases online, nas quais se utilizaram os marcadores “Gênero”, “Tecnologia da Informação” e “Trabalho” no resumo, foi possível acessar as produções acadêmicas que alicerçaram este estudo. Essa busca foi realizada no período de novembro a dezembro de 2022.

A partir dessas bases *online*, utilizando os marcadores já expostos anteriormente, foram encontrados três artigos no SciELO Brasil e 72 produções acadêmicas na BDTD. A fim de auxiliar na seleção dos materiais que abordassem a temática desejada, foi realizada a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, elaborando-se, a partir daí, um banco de dados no *Microsoft Excel* contendo: título, autor, ano, instituição de ensino, fichamento e palavras-chave. Com base nesse banco de dados, foi feito o mapeamento do tema e selecionadas as produções consideradas relevantes, totalizando 12 a serem estudadas para compor o

referencial do nosso ensaio — dois artigos, quatro dissertações de mestrado e seis teses de doutorado. Para além dessas produções, também foram utilizados capítulos de livros, livros (em formato online e impresso), jornal e norma de classificação do Ministério do Trabalho e Emprego.

O ensaio foi construído com base em dois tópicos que julgamos importantes para o entendimento da temática: considerações acerca do trabalho em Tecnologia da Informação; e questões de gênero na Tecnologia da Informação.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRABALHO EM TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Albornoz (1986) alega que o trabalho é o esforço e também o resultado, processo no qual o sujeito é ativo e construtor. A condição humana nos permite a criatividade na execução de tarefas — somos capazes de realizar uma ação, por mais mecânica e repetitiva que seja, de formas variadas, diferentemente da ação instintiva dos animais. Dejours, Dessors e Desriaux (1993) afirmam que a tarefa monótona e imutável é arriscada para o trabalhador, mas que pode ser possível escolher o modo de operar, o que é favorável à sua saúde. Albornoz (1986) ainda assinala que a diferenciação do trabalho em intelectual e operacional é reducionista e não retrata o real do trabalho, uma vez que toda atividade, por mais intelectual que seja, necessita do mínimo esforço físico para ser realizada, bem como a execução de uma ação necessita ser pensada antes. Desse modo, é possível criar estratégias para lidar com a monotonia, com as determinações e frustrações que decorrem do cotidiano laboral ao qual estamos submetidos.

O trabalho é um instrumento de construção de sentido, de aquisição da identidade e de historicização do homem na sociedade. Ou seja, é uma categoria central na vida humana, provendo sustento financeiro, mas que, para além disso, integra a nossa dimensão psíquica, não havendo possibilidade de neutralidade frente à saúde mental do sujeito (Dejours, 2005), pois sempre haverá um desacerto entre a organização laboral e os interesses do trabalhador, o que caracteriza o trabalho como uma fonte geradora de prazer e sofrimento.

Em nossa sociedade, o trabalho operacional é taxado como negativo e penoso, enquanto o trabalho intelectual é visto como algo prazeroso e pouco árduo de ser realizado. No entanto, são os aspectos psicossociais do sujeito que definirão a forma como ele se relaciona com aquela atividade, concedendo-lhe sentido ou não. A Tecnologia da Informação (TI), área de trabalho intelectual, está em processo de expansão há algumas décadas; contudo, com o advento da pandemia da Covid-19, esse crescimento foi acelerado e tornou-se um dos maiores da economia mundial, por conta da transformação digital pela qual as organizações estão passando desde então.

A área de TI possui várias subáreas, como análise de negócios, projeto, gerenciamento de banco de dados, segurança da informação, *design*, desenvolvimento de *software*, entre outras. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), a profissão de Desenvolvedor de Software possui a seguinte descrição de atividades:

Desenvolvem sistemas e aplicações, determinando interface gráfica, critérios ergonômicos de navegação, montagem da estrutura de banco de dados e codificação de programas; projetam, implantam e realizam manutenção de sistemas e aplicações; selecionam recursos de trabalho, tais como

metodologias de desenvolvimento de sistemas, linguagem de programação e ferramentas de desenvolvimento; planejam etapas e ações de trabalho (CBO, 2018, p. 485).

Antunes (2020) destaca a importância dos desenvolvedores de *software* na era da Indústria 4.0. Segundo ele, esses profissionais são uma peça-chave na cadeia produtiva digital, sendo os responsáveis por criar e aprimorar sistemas que permitem a automação de processos e a comunicação entre máquinas. O autor ressalta, ainda, que, com a crescente informatização das empresas, a demanda por esses trabalhadores tem se intensificado. Esses profissionais desempenham um papel essencial na Indústria 4.0, pois ela exige sistemas de *software* sofisticados e adaptáveis, capazes de integrar e processar grandes volumes de dados em tempo real.

Tendo o trabalho um alto grau de importância na vida dos sujeitos, a preocupação em pesquisar os fatores que interferem no bem-estar e na qualidade de vida dos trabalhadores passa a ser cada vez mais constante dentro dos ambientes laborais (Oliveira; Limongi-França, 2005) e se intensifica neste momento pandêmico. Por meio dessa lente, percebe-se que o processo de transformação digital pelo qual o mundo está passando vem impulsionando a expansão da área de Tecnologia da Informação (TI) há alguns anos. A área obteve uma importância estratégica para as organizações e tornou-se um produto de alto valor agregado. No Brasil, esse cenário não é diferente, e Castro (2012) aponta que os segmentos da TI que tiveram maior crescimento no país foram o das organizações prestadoras de serviço a terceiros e o de desenvolvimento de soluções feitas dentro da própria empresa.

Seja de maneira central ou mais tímida, a TI esteve presente em quase todos os debates referentes à reestruturação produtiva, às novas formas de acumulação de capital e à centralidade do trabalho (Castro, 2019), o que explica a relevância que ganhou. Diversos setores da economia foram em busca desse tipo de solução e, assim, racionalizaram, mecanizaram e revolucionaram os seus processos de trabalho.

O número de profissionais de TI no Brasil está aumentando exponencialmente, assim como a demanda por esses indivíduos, principalmente os desenvolvedores de *software*. A busca por profissionais qualificados está tornando-os caros e escassos no mercado, implicando um alto índice de rotatividade e a precarização do vínculo com as empresas. Pensando em estratégias de atração, as empresas ofertam diversas formas de contratação, como pessoa jurídica (PJ), celetista (CLT), CLT *Flex*, via cooperativa ou autônomo, o que sinaliza maneiras sutis de precarização do trabalho.

O desenvolvedor de *software* é o encarregado pelo desenvolvimento de aplicações mediante a escrita de códigos digitais, sejam elas: *mobile*, *desktop* ou *web*. Além da programação, ele também é responsável pela testagem e manutenção dos softwares, para evitar falhas durante a execução das aplicações e, caso ocorram, para que sejam corrigidas rapidamente.

Salienta-se que, mesmo com os diferentes enfoques que o profissional possa vir a ter, algumas exigências são estendidas a toda a categoria por conta da sua realidade laboral. O ambiente de TI é muito dinâmico, então é necessário que os desenvolvedores sejam flexíveis para se adaptar às mudanças, estejam em constante processo de atualização de conhecimento por conta da expansão das

tecnologias e saibam comunicar-se com profissionais de outras subáreas, entre outras competências (Antunes, 2020).

A literatura aponta que trabalhar como desenvolvedor de *software* pode oferecer diversas vantagens, tanto em termos de realizações profissionais quanto de remuneração e estabilidade no mercado de trabalho (Lima; Bridi, 2019; Lima; Oliveira, 2017). Um dos pontos a ser destacado como vantajoso é que trabalhar com desenvolvimento de *software* possibilita criar soluções inovadoras que podem impactar positivamente a vida das pessoas e o funcionamento das empresas. Esses profissionais têm a oportunidade de se envolver em projetos desafiadores e criativos, o que pode levar a um maior senso de realização no trabalho (Castro, 2019).

A TI, assim como toda a área de Ciências Exatas, é considerada essencial para os empregos do futuro, impulsionando a inovação, o bem-estar social, o crescimento inclusivo e o desenvolvimento sustentável; mas é perceptível que as carreiras existentes ainda se estruturam em ambientes muito masculinizados e homogêneos. Justamente por isso, é comum que nossa memória nos leve direto às referências masculinas nessas áreas, embora as mulheres também tenham tido grandes conquistas nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

QUESTÕES DE GÊNERO NA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Segundo informações do Fórum Econômico Mundial, apesar de as mulheres representarem 56% dos concluintes de cursos de graduação em nível mundial, elas são apenas 36% dos formados nas áreas de TI e Ciências Exatas, e apenas 25% da força de trabalho (WEF, 2020) — reflexo do afunilamento de oportunidades que também é atravessado por questões de gênero. Hirata (2018) aponta que, nas áreas da saúde, como enfermagem, fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia, é comum encontrar uma maioria de mulheres. Na educação infantil e no ensino fundamental, há uma predominância de mulheres em cargos de docência, sendo elas 80% do quadro efetivo (INEP, 2020). A presença feminina nessas profissões pode estar relacionada a estereótipos de gênero e a valores atribuídos às habilidades sociais e de cuidado.

Hayashi *et al.* (2007, p. 170) afirmam que

Ao analisar quem produziu conhecimento nos últimos 300 anos, nota-se que a ciência é masculina. Muitas mulheres foram, e continuam sendo, excluídas da produção da ciência. Ainda hoje, quando as mulheres dominam numericamente alguns campos disciplinares, a imagem de cientista é associada a homens.

Estamos imersos em uma cultura machista, que valoriza apenas o papel do homem na sociedade — a qual ainda não conseguiu se desvincular das expectativas de gênero. Isso se deve, também, à história da ciência no Brasil, que é recente e se ancora em uma sociedade patriarcal e escravocrata, na qual poucos têm acesso ao estudo (e esses poucos são homens) e as mulheres não têm voz (Hayashi *et al.*, 2007).

O período da infância gera uma excelente reflexão: computadores e videogames costumemente são direcionados como brincadeiras para os meninos, enquanto as meninas não são incentivadas a explorar esses objetos, mas

sim aqueles que remetam a atividades do lar, como bonecas e utensílios de cozinha (Oliveira-Silva *et al.*, 2022). Ainda hoje é raro observarmos familiares incentivando meninas com jogos eletrônicos ou de lógica, o que faz com que cresçam acreditando que essa área não faz parte de sua realidade. Quando há o incentivo, mesmo assim continuam os desafios: existe a insegurança de estar inserida em um ambiente majoritariamente masculino, no qual ela pode não ser acolhida, ficar isolada, sofrer preconceito dos colegas de trabalho, além de enfrentar resistência e estranhamento de clientes.

Os desafios podem se tornar ainda maiores quando a mulher vê a sua carreira sendo impactada pela chegada de um filho. Barreto e Monteiro (2020) afirmam que, diante disso, existe uma provável escolha a ser feita entre três âmbitos: família, maternidade e carreira. Mesmo não abrindo mão de nenhum deles, há uma outra escolha sendo feita: conciliar todas as áreas. O ambiente formal de trabalho foi construído por homens e para homens e, justamente por isso, a mulher precisa provar sua suficiência e capacidade o tempo todo para manter-se na posição que ocupa.

Na busca por esse reconhecimento de capacidade, as mulheres precisam de mais tempo para conseguir se organizar em meio a tantas demandas. As profissionais de TI têm hoje o trabalho remoto, em sua maioria, como realidade; ou seja, passam mais tempo em casa do que os trabalhadores que atuam *in loco* nos escritórios. Se essa modalidade, por um lado, pode ser vista como positiva, uma vez que elas não enfrentam trânsito e transporte público, por outro também pode ser vista como negativa, ao passo que precisam se desdobrar dentro de sua rotina diária (Castro, 2013).

Para conseguir esse tempo que entendem ser necessário para dar conta de tudo o que lhes é posto, as trabalhadoras acabam abrindo mão do seu tempo livre, que deveria ser dedicado ao seu descanso e lazer. Esticam o horário do trabalho formal e valem-se do seu descanso semanal remunerado para cuidar da casa, dos filhos e do marido. O tempo livre passa a ser visto como uma perda, como algo improdutivo (Barreto; Monteiro, 2020).

Barreto e Monteiro (2020, p. 33) explanam que

O tempo, ou melhor a ausência dele, também se expressa pela dificuldade das mulheres em exercerem o autocuidado. Entendendo o autocuidado como à capacidade de cuidar de si, desempenhando atividades em benefício próprio que promovam prazer, saúde e bem-estar, percebe-se que diante do volume de tarefas e responsabilidades, o olhar para si fica em último lugar na lista de prioridades das mulheres-mães.

Byung-Chul Han (2015) afirma, em *Sociedade do Cansaço*, que estamos no século das doenças neuronais, as quais determinam a paisagem patológica do século XXI. Emergem reflexões de que estamos vivendo em uma sociedade do desempenho, que a todo tempo busca maximizar a produtividade, e na qual a negatividade da proibição é tida como um obstáculo ao crescimento exacerbado. Passam a ser importantes e necessários o desempenho e a positividade do poder; o que vale são os projetos, as iniciativas e as motivações.

O sujeito de desempenho está submetido à obediência a si mesmo e, sendo assim, a ameaça constante de ser deixado para trás ou de não corresponder às novas exigências leva a uma constante superação no trabalho. A mulher, envolta em uma rotina dupla ou até mesmo tripla, é exposta a um excesso de estímulos,

informações e consumo, ficando cansada e caminhando em direção a um esgotamento psíquico. Byung-Chul Han (2015) ainda destaca que, embora essa exaustão laboral seja socialmente aceita, o trabalhador adoecido e solitário ainda se culpabiliza por esse fracasso, por não alcançar o impossível.

Oliveira (2022), em sua dissertação, apresenta que 56% das mulheres que desistem da carreira de tecnologia possuem entre cinco e dez anos de experiência na área. Entre as justificativas apontadas estão o fato de que ainda são as mulheres que investem maiores esforços no cuidado com a casa e a família; o fato de fazerem mais concessões para conciliar as atividades domésticas e a carreira (Wibbeke; Mcarthur, 2013); e a insatisfação com o trabalho, por se sentirem limitadas a papéis menos criativos e inovadores (Zhang; Gros; Mao, 2021). Um dado interessante, também apontado por Oliveira (2022), é que, durante o período de isolamento social na pandemia da Covid-19, em 2021, a participação feminina nos ambientes laborais diminuiu 2%, contra 1,6% da participação masculina.

Para além das justificativas já expostas, ainda existe uma série de elementos que contribuem para a disparidade de gênero na área de Tecnologia da Informação. Castro (2013) recorda que, desde os tempos antigos, as mulheres foram sendo afastadas dos trabalhos que envolviam ciência e tecnologia a partir do momento em que estes se tornaram símbolos de prestígio e se atrelaram a um corpo de conhecimentos reconhecidos institucionalmente.

[...] as mulheres desempenhavam o ofício da cura com exclusividade até o século XIV. Como elas tinham um conhecimento tácito dos processos de cura e a vizinhança e a família que deles se valiam confiavam no sucesso dos procedimentos, foi necessário que a igreja as acusasse de bruxaria e as condenasse à forca e à fogueira para que parassem de exercer o ofício. Tudo isso aconteceu concomitante ao processo de institucionalização e cientificação da profissão da medicina, que contou com o financiamento da igreja na construção de escolas e faculdades médicas (Castro, 2013, p. 147).

Ou seja, mais uma evidência de que a associação da área de TI com o universo masculino foi um processo histórico e socialmente construído (Castro, 2013), o qual até os dias de hoje é reproduzido e incorporado pelos sujeitos nos processos de socialização. Para além disso, assim como ocorreu com a medicina anos atrás, a TI hoje é tida como uma área importante da economia mundial, o que lhe confere o status de uma profissão de prestígio e poder, tornando-se atrativa para os homens por conta de sua relevância.

Como dito anteriormente, a área de TI engloba diversas subáreas, e Glover e Guerrier (2010) descobriram, por meio de análises, que as mulheres tendem a se concentrar majoritariamente em segmentos específicos, como dados e projetos. Essas são subáreas que exigem, para além da capacidade técnica dos profissionais, algumas habilidades comportamentais específicas, tais como a comunicação, para maior assertividade em tratativas com clientes, gestores, pares e subordinados. Em contrapartida, os homens tendem a se concentrar nas subáreas mais técnicas, como o desenvolvimento. Glover e Guerrier (2010) apontam que a inserção em maior escala das mulheres nessas subáreas tem a ver com uma estratégia que elas utilizam para manter sua identidade feminina em uma área fortemente associada aos homens.

Adam *et al.* (2006) realizaram pesquisas no norte da Inglaterra a respeito da temática, e os resultados obtidos apontaram para a dificuldade que as mulheres

têm de se encaixar em um ambiente definido como masculino, porque precisavam abrir mão ou deixar fora do ambiente laboral as características que são entendidas como femininas. Os autores avaliaram que, muitas vezes, as mulheres que atuam em ambientes assim acabam masculinizando-se ou se colocando como neutras e ignorando suas habilidades mais técnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que existe um cenário de desigualdade de gênero no mundo do trabalho, o qual entra ainda mais em destaque quando o assunto é a presença das mulheres na área de Tecnologia da Informação. Essa temática não difere de outras que focam na inclusão e na diversidade nas lógicas produtivas e na economia mundial, sendo tão importante quanto elas.

Inovar significa criar outras possibilidades de resolver questões que comparecem no ambiente. Na TI, muito se fala sobre inovação; portanto, um dos métodos para lutar contra a desigualdade de gênero nessa área é oportunizar que mais mulheres consigam ocupar espaços de poder nesse campo e, a partir daí, ajudem a perpetuar ainda mais a mudança.

É necessário apoiar as mulheres na democratização da formação e na abertura de vagas e cargos de liderança, além da construção diária de redes de apoio que sustentem as bases dessa mudança nos espaços de produção de conhecimento. Nossa cultura ainda não se desvinculou das expectativas de gênero, cenário em que as mulheres são tidas como uma categoria supostamente uniforme de seres humanos cuja vocação é atender e responder às necessidades dos homens (Billand; Paiva, 2017), apesar de lentamente obtermos avanços em relação a isso. Ou seja, ainda há uma persistência da exclusão das mulheres.

A crença errônea de que profissões ligadas às áreas de TI, Matemática e Engenharias têm mais a ver com homens do que com mulheres, e de que eles teriam habilidades mais desenvolvidas nesse campo, tem sido desconstruída pelas próprias ciências biológicas e humanas, além das vozes das mulheres que estão fincando os pés nesse território de maneira disruptiva.

Construir um ambiente inclusivo e equitativo é essencial para que todos se sintam de fato acolhidos e confortáveis para oferecer a sua melhor performance e participar ativamente de debates e decisões, além de ousar trazer novas ideias, sem medo do erro ou da censura. Também é importante identificar e desafiar estereótipos e preconceitos de gênero que frequentemente permeiam as inovações tecnológicas.

Information Technology work from a gender perspective: where do women stand?

ABSTRACT

This essay aims to discuss gender issues within Information Technology work to understand whether there is a harvest of achievements or a persistence of exclusion towards women in this field. The study was developed through a literature review and analysis on the subject across institutional websites, journals, books, dissertations, and theses. The research was conducted in the *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brazil) journal database and the *Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations* (BDTD). According to the World Economic Forum, although women represent 56% of university graduates worldwide, they account for only 36% of graduates in IT and STEM fields, and only 25% of the workforce — a reflection of the narrowing of opportunities that is also crossed by gender issues. Even today, women are the ones who invest the greatest efforts in home and family care, make more concessions to balance domestic activities and career, and face job dissatisfaction due to feeling restricted to less creative and innovative roles. It is evident that a scenario of gender inequality exists in the world of work, which becomes even more prominent regarding female presence in the Information Technology sector. This theme is intrinsically linked to inclusion and diversity within productive logics and the global economy.

KEYWORDS: Information Technology. Gender. Work. Women.

El trabajo en la Tecnología de la Información desde la perspectiva de género: ¿dónde quedan las mujeres?

RESUMÉN

Este ensayo tiene como objetivo discutir las cuestiones de género en el trabajo en Tecnología de la Información, con el fin de comprender si existe una cosecha de logros o la persistencia de la exclusión de las mujeres en este campo. El desarrollo del estudio se realizó a partir de una revisión y análisis bibliográfico sobre la temática en bases de sitios institucionales, revistas científicas, libros, tesinas y tesis doctorales. Las búsquedas se llevaron a cabo en la base de revistas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil) y en la Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Según datos del Foro Económico Mundial, a pesar de que las mujeres representan el 56% de los graduados universitarios a nivel mundial, ellas son solo el 36% de los formados en las áreas de TI y Ciencias Exactas, y apenas el 25% de la fuerza laboral, lo que refleja un embudo de oportunidades que también está atravesado por cuestiones de género. Hoy en día, las mujeres siguen siendo las que invierten mayores esfuerzos en el cuidado del hogar y la familia, hacen más concesiones para conciliar las actividades domésticas y la carrera profesional, y enfrentan insatisfacción laboral al sentirse limitadas a roles menos creativos e innovadores. Es evidente que existe un escenario de desigualdad de género en el mundo del trabajo, el cual se destaca aún más cuando se trata de la presencia femenina en el área de la Tecnología de la Información. Esta es una temática intrínsecamente ligada a la inclusión y la diversidad en las lógicas productivas y la economía mundial.

PALABRAS CLAVE: Tecnología de la información. Género. Trabajo. Mujer.

REFERÊNCIAS

ADAM, Alison *et al.* *Being an 'it' in IT: gendered identities in IT work.* **European Journal of Information Systems**, [s. l.], v. 15, p. 368–378, 2006.

ALBORNÓZ, Suzana. **O que é trabalho.** São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus:** (Pandemia Capital). São Paulo: Boitempo, 2020. *E-book*.

BARRETO, Renata; MONTEIRO, Letícia. Maternidade, trabalho e temporalidade: diálogos relevantes na Covid-19. *In*: SOUTO-MARCHAND, Alessandra; GALVÃO, Eliane; FERNANDES, Marli (org.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade:** artigos produzidos durante a Pandemia de Covid-19 em 2020. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. v. 1, p. 26-35.

BILLAND, Julie; PAIVA, Vera Silvia Facciolla. Desconstruindo expectativas de gênero a partir de uma posição minoritária: como dialogar com homens autores de violência contra mulheres? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2979-2988, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/nB7rdSM5H69JtBRz7NkjG6N/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho e democracia. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, jul./set. 2016.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Sinopse Estatística da Educação Básica 2020.** Brasília: INEP, 2021.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Classificação Brasileira de Ocupações:** CBO. 3. ed. Brasília: MTE/SPPE, 2018. v. 1, p. 828.

CASTRO, Bárbara. **Afogados em contratos:** o impacto da flexibilização do trabalho nas trajetórias dos profissionais de TI. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

CASTRO, Bárbara. Quando gênero revela classe: mulheres e flexibilidade no setor da tecnologia da informação. *In*: ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV:** trabalho digital, autogestão e expropriação da vida. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 145-164.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social.** 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

DEJOURS, Christophe; DESSORS, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 98-104, jul./set. 1993.

FABBRO, Márcia Regina Cangiani; HELOANI, José Roberto Montes. Mulher, maternidade e trabalho acadêmico. **Investigación y Educación en Enfermería**,

Medellín, v. 28, n. 2, p. 176–186, jul. 2010. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3260528>. Acesso em: 23 ago. 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. 2. ed. São Paulo: Global, 1983.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini *et al.* Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 169-187, ago. 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tinf/a/Ls7NZzhV6fh3ksyP4LfsBQ/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Revista Trabalho Necessário**, Niterói, v. 16, n. 29, p. 14-27, 2018.

KERGOAT, Danièle. **Lutar, dizem elas...** Recife: SOS Corpo, 2018.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v. 1, t. 1. (Os Economistas).

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei; PESTANA, Bruna Maria; RODRIGUES, Gisele Sofia. As relações sociais de gênero e a divisão sociosexual do trabalho. *In*: ANTOLOGA, Cláudia Sampaio; MAIA, Marilda; SANTOS, Noemia Maria (org.). **Trabalho feminino**: desafios e perspectivas no Brasil. Curitiba: Appris, 2021. p. 31-43.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Arantes Marquesani. **Mulheres nas organizações brasileiras**: uma análise dos fatores que impulsionam e desafiam a equidade de gênero na área de tecnologia da informação. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Competitividade) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2022.

OLIVEIRA, Patrícia Morilha de; LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. Avaliação da gestão de programas de qualidade de vida no trabalho. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 4, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1676-56482005000100005>. Acesso em: 30 dez. 2022.

OLIVEIRA-SILVA, Luciana Caroline; PARREIRA, Vicente de Paula. Barreiras e enfrentamentos de mulheres em carreiras predominantemente masculinas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 1, e74116, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/NQdwYF7s3vDympZ6rzyt8bv/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. *In*: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

UNESCO. **Decifrar o código**: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Brasília: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000264691>. Acesso em: 1 dez. 2022.

WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). **Future of Jobs Report**. Geneva: WEF, 2020. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf. Acesso em: 1 dez. 2022.

WIBBEKE, Eileen Sheridan; MCARTHUR, Sarah. **Global business leadership**. Abingdon: Routledge, 2013.

ZHANG, Yu; GROS, Tristen; MAO, En. Gender Disparity in Students' Choices of Information Technology Majors. **Business Systems Research**, Zagreb, v. 12, n. 1, p. 80-95, 2021.

Recebido: 02/03/2023.

Aprovado: 06/06/2023.

DOI: 10.3895/cgt.v17n48/49.16490.

Como citar: PIORSKI, Julliana Soares; PESSOA, Yldry Souza Ramos Queiroz. O Trabalho na Tecnologia da Informação a partir da perspectiva de Gênero: onde ficam as mulheres? **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 17, n. 48/49. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 20 mai. 2026.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

